



Lives de fala e lives de música: crônicas modernas de Cabo Verde nos tempos da pandemia

Speech lives and music lives: modern chronicles of Cape Verde in times of pandemic

Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues¹

Ariana Gonçalves Rodrigues²

Bruno José Rodrigues Gil³

Artigo recebido em: 11/11/2022

Artigo aprovado em: 26/07/2023

Resumo: Esse artigo analisa a eclosão do gênero digital live, em Cabo Verde, no período inicial da pandemia de Covid-19. Nesse período, lives de fala e lives de música realizadas em Crioulo Cabo-Verdiano transformaram-se em crônicas modernas de um cotidiano altamente afetado e motivado pela pandemia. Tais temáticas serão abordadas à luz de pressupostos da Linguística Textual em interface com a Sociolinguística. Os dados foram recolhidos nas mídias sociais Facebook, Instagram e YouTube, em lives de cabo-verdianos residentes no País ou na diáspora. O objetivo é compor um retrato da realidade pandêmica que imperou durante a quarentena de 2020 para trazer o conceito de gêneros textuais digitais ao cenário dos estudos cabo-verdianos, destacando o uso intenso da língua crioula e a eventual variação lexical durante o período.

Palavras-chave: Lives; Gênero Textual Digital; Crônicas modernas; Crioulo Cabo-Verdiano; Pandemia de Covid-19.

Abstract: This article deals with the outbreak of the digital textual genre live, in Cape Verde, in the initial period of the Covid-19 pandemic. In this period, speech lives and music lives realized in Cape Verdean Creole became modern chronicles of a daily life highly affected and motivated by pandemic. Such themes will be addressed in the light of assumptions of Textual Linguistics in interface with Sociolinguistics. The data was collected on social media Facebook,

¹ Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB). Coordenadora do Projeto ROTAS e do Grupo de Pesquisa ALEA (UnB), integrante dos Grupos de Pesquisa ECOA (UnB) e SIGNO (UnB). Pós Doutora em Sociolinguística. Doutora e Mestre em Linguística (Fonética e Fonologia). Especialista em Leitura e Produção de Textos (PUC-MG).

² Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, integrante da Equipe CV, do Projeto ROTAS e do Grupo de Pesquisa ALEA (UnB). E-mail: aryrodrigues1802@gmail.com.

³ Graduando em Engenharia Aeroespacial pela Universidade de Brasília, integrante da Equipe CV, do Projeto ROTAS e do Grupo de Pesquisa ALEA (UnB). E-mail: brunojgril@hotmail.com.



Instagram and YouTube, in lives of Cape Verdean islanders and in the diaspora. The objective is to commend a picture of the pandemic reality that prevailed during the quarantine of 2020 to bring the concept of digital textual genres to the scenario of Cape Verdean studies, highlighting the intense use of the Creole language and eventual lexical variation during the period.

Key-Words: Lives; Digital Textual Genre; Modern Chronicles; Cape Verdean Creole; Covid-19 Pandemic

Introdução – o tema no contexto

O ano de 2020 trouxe consigo a ingrata surpresa da Pandemia de Covid-19. Esse advento nefasto despertou o nosso ancestral lado do medo ao mesmo tempo em que lançou um show de luzes sobre as gentes comuns – atores, atrizes e figurantes de um universo de anônimos. Talentos adormecidos, vontades esquecidas, projetos empoeirados, opiniões guardadas, assuntos tabus e censurados, discussões polêmicas, todos foram despertados diante do prenúncio do fim do mundo. Essa revolução foi vivida intensamente no mundo virtual. Sob a égide do distanciamento social, anônimos e famosos se misturaram nas redes sociais. Isso aconteceu no mundo; ocorreu também em Cabo Verde. A pandemia mobilizou a todos; democratizou espaços virtuais e aproximou caboverdianos nas ilhas e na diáspora. Como aludido em 1, eclodiu um boom de lives no período:

Figura 1. “Nhos fica ta faze vídeo”



Fonte: Postagem no Grupo Notícias de Cabo Verde, Facebook (2020).⁴

⁴ Tradução: Caboverdianos têm memória curta anteontem que vocês estavam proibidos de ficar na rua por causa da covid-19, com as famílias passando necessidade, dentro de casa, Nem no mar eles deixavam vocês pescar Nem vender banana Nem trabalhar pra vocês colocarem comida em casa Vocês ficavam fazendo vídeos chorando fome pedindo ajuda.



Esse “*fica ta faze video*” recorrente foi um fenômeno percebido por insulares e por emigrantes cabo-verdianos pelo mundo, e foi também captado por nós, estudiosos da linguagem em contextos reais de uso. À época, vislumbramos a relevância da temática para os estudos da linguagem e, particularmente, para os estudos do Crioulo Cabo-Verdiano quando percebemos a intensidade do acontecimento do gênero digital ou e-gênero live e conjecturamos que o olhar científico poderia contribuir para descortinar facetas da relação linguagem e sociedade que estivessem passando despercebidas. Pelo fato de o e-gênero live estar nascendo e florescendo em um contexto de produção extremo como o da pandemia, as fontes não-oficiais das lives poderiam fornecer a chance única de registro histórico da variação e mudança de práticas sociais do mundo real ao virtual pela lente e voz dos cabo-verdianos e oportunidade ímpar de estudo sincrônico da incorporação de novos vocábulos e terminologias da pandemia às variedades crioulas das ilhas.

Desse modo surgiu a ideia da pesquisa sobre as lives no Arquipélago de Cabo Verde. Em seguimento à proposta inicial,⁵ surgiram outros estudos⁶ que incluem este atual. Neste, ao gênero textual digital em expansão no início de 2020 chamado de lives daremos o nome de crônicas modernas. Essas crônicas compõem conjunto de produções realizadas ao vivo nas redes sociais que levaram a sociedade cabo-verdiana à reflexão sobre o dramático evento da pandemia de Covid-19. Essas produções poderiam ser chamadas de crônicas do fim do mundo, frutos que são da pressão da modernidade fluida com a opressão do impacto do coronavírus no fluxo da vida diária. No entanto, sua definição como conjunto de narrativas digitais com opiniões, descrições, sugestões entre outras estratégias discursivas atende ao nosso propósito teórico. Elas reúnem olhares cabo-verdianos sobre o avanço dos passos da pandemia no ciberespaço de um atormentado mundo novo.

Partiremos da hipótese de que, na etapa inicial da pandemia, a fala e o canto favoreceram a manifestação e difusão do crioulo no universo online e de que seu maior suporte foram as lives. Daí, advêm as perguntas que norteiam este estudo: o que são lives? Qual sua tipologia ou configuração no mundo virtual? Quem são seus autores e autoras? O que pensa, o que diz, como diz, como age e reage,

⁵ RODRIGUES, U. R. S. et al. “Cabo Verde lives: variação na língua crioula e na linguagem musical em tempos de pandemia”. Comunicação. In: *XXIII Pré-Congresso Internacional de Humanidades*. Universidade de Brasília, 2020. Esse primeiro trabalho sobre o tema contou com a participação da Equipe CV (Cabo Verde), composta pelos estudantes cabo-verdianos Ariana Gonçalves Rodrigues, Bruno José Almeida Gil, Cláudio Monteiro e Mirella Mileidy Assunção da Luz de Castro, e com a colaboração da professora Dra Juliana Braz Dias, coordenadora do Grupo de Pesquisa ECOA (Laboratório de Etnologia em Contextos Africanos), sendo todos integrantes do Grupo de Pesquisa ALEA (Laboratório de Associação da Linguística, Educação e Antropologia nos Estudos do Contato Linguístico e Grupos Sociais da África, Europa e América), aos quais agradecemos pela parceria no esforço inicial para tratarmos das lives de Cabo Verde.

⁶ BRAZ DIAS, J.; SANTOS, C. E. S.; RODRIGUES, U. R. S. “Crônicas do Cotidiano da pandemia”. Mesa Redonda. In: *IIº Colóquio em Ciências Sociais e disrupções globais: desafios, reposicionamentos e possibilidades de novas respostas* <https://unicv.edu.cv/pt/csdg/grupo-de-trabalho-e-mesa-redonda>. Acesso em 27/08/22.



na fala e no canto, o falante-ouvinte-real do Cabo-verdiano no período inicial da pandemia, a quarentena? Quais são os temas recorrentes nas lives de fala e de música de pessoas e/ou grupos das diferentes ilhas? Em que língua as lives são realizadas? Quais novidades, semelhanças ou diferenças, são sinalizadas linguisticamente, de norte e sul de Cabo Verde, por meio dessas lives?

Em busca de resposta a essas perguntas, no período de março a agosto de 2020, levantamos dados nas plataformas Facebook, Instagram e Youtube em lives das ilhas de Santiago e Fogo (Sotavento) e de Santo Antão e São Vicente (Barlavento). Na especificação da tipologia das lives, cunhamos as terminologias live de fala e live de música por estarem a fala e a música na base da intensa atuação e divulgação da língua crioula no período. Para captarmos a temática da pandemia na ocorrência e recorrência de vocábulos, termos e expressões, aplicamos metodologia sociolinguística na coleta de dados para composição da amostra. Além do tema e da tipologia das lives, especificamos outras variáveis extralinguísticas que pudessem estar condicionando as produções: região (sul e norte), meses (maio, junho, julho, agosto), faixa etária (idade aproximada), sexo (masculino e feminino) e status social do falante (famoso ou não-famoso). Como se sabe, os fatores destacados constituem fortes condicionantes da realização de uma ou outra forma linguística, ou seja, do acontecimento da variação. E, aqui, destacamos que, face ao inusitado da pandemia e ao torpor causado por ela, quando nos atentamos à novidade das lives e sua ascensão meteórica nas ilhas, não nos foi mais possível coletar amostra proporcional relativa ao mês, tema e tipologia. Assim, essas variáveis oscilam entre as ilhas, No entanto, compõem uma amostra relevante e representativa pela sua historicidade diante da fugacidade dos dados ao vivo nas redes sociais.

Contextualização teórica – lives e crônicas no cenário.

“Todas as ilhas de cabo verde se estão vendo umas às outras.”⁷ Quando o Piloto Anónimo dava essa notícia ao reino, em 1784, aquele fiscal e cronista real sequer poderia imaginar que todas as pessoas de Cabo Verde se estariam vendo umas às outras, séculos depois, por meio de um instrumento muito mais potente do que o simples olhar humano, a câmera de um celular. Daquela diacronia à atual, muitas coisas se modificaram, permanecendo, contudo, constante a força da variação e da mudança na trama intrínseca da linguagem e da sociedade. Por meio desse vínculo indissociável, eventos na sociedade têm reflexos diretos ou indiretos na língua, implícita ou

⁷ ANÓNIMO, Piloto. 1784 (edição 1985). “Notícia coreográfica e cronológica de Cabo Verde” In: CARREIRA, António (apresentação, notas e comentários) *Demografia caboverdeana; subsídios para seu estudo* (1807/1983). Instituto Caboverdeano do Livro. Lisboa, 1995. 1ª. edição.



explicitamente. Isso porque a língua como interpretante da sociedade, externaliza pensamentos, verbaliza sentimentos, descreve acontecimentos e perpassa valores existentes no contexto social.

Nesse processo de espelhamento, a variação linguística, fenômeno inerente da linguagem correspondente aos usos alternativos das formas linguísticas, pode ser observada a partir da conjunção de condicionamentos linguísticos e sociais subjacentes às produções faladas e escritas.

Por isso, num estudo como este, a Sociolinguística (SL), estudo da correlação entre a estrutura da língua e a sociedade, e a Linguística Textual (LT), estudo da organização dos elementos do texto e a situação comunicativa, em interface e por intermédio da recorrência de vocábulos, termos e expressões constantes nas lives, nos permitirão reconstruir parcialmente o que estava ocorrendo em Cabo Verde, o pacífico arquipélago do Sahel, enquanto a população de outros continentes cedia ao avanço do coronavírus, e, também, visualizar quais eram as práticas sociais e languageiras, no primeiro semestre de 2020, quando a pandemia se instalou no mundo e os registros de Covid-19 nas ilhas passaram a ser catalogados diariamente pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

As lives de fala e lives de música, na eclética fusão de linguagem verbal e não-verbal em conjunção com sons e imagens, conseguiram construir narrativas, tecer redes argumentativas e mapear cenários descritivos e dissertativos do cotidiano insular como crônicas modernas das vivências, sentimentos e expectativas que grassavam nas ilhas no primeiro ano de pandemia. A pandemia passa a ser, então, descrita pela reunião de falas, versos e canções que promovem o contraste do distanciamento social, do isolamento e da quarentena com a liberdade do território sem fronteiras da internet. E, no encontro desses dois mundos, o real e o virtual, no ambiente multifacetado da língua e da sociedade cabo-verdianas, sentidos e significâncias, textos e gêneros textuais se entrecruzaram, se hibridizaram e se espalharam, reverberando em todos os contextos as temáticas da vida cotidiana bruscamente atingida pelas imposições da pandemia.

Nesse ambiente, textos falados e escritos assumiram variados formatos e funções, incluindo, notadamente, as lives, nosso objeto de estudo. Todavia, antes do seu enfoque, cumpre destacarmos que, teoricamente e em sentido estrito, texto pode ser entendido como unidade composta por uma ou mais frases, orações, períodos e parágrafos e, em sentido lato, como unidade linguística de qualquer dimensão com sentido completo, podendo uma só palavra compor um texto. No entanto, no terreno da interação pela linguagem, segundo a LT, texto é espaço ou ponto de encontro entre o eu e o outro, lugar ou local de interação de interlocutores. E, assim, texto corresponde a construto linguístico que ganha sentido vinculado ao seu contexto de produção:



O contexto de produção é essencial para que um texto assuma as faces temporais e significativas de seu tempo e ambiente, dê amostras dos imbricamentos sociohistóricos e culturais de sua confecção, de sua tessitura e, quando pronto, de sua textura ao leitor, como produto sociointeracional e histórico que é. Por esse olhar, a um só tempo, texto é processo e produto de uma época, de uma forma de pensar, agir e interagir em sociedade, estando, em sua prática cotidiana, indelevelmente, vinculado à noção de atividade verbal. Na prática verbal consciente e interacional, liga-se diretamente ao contexto de produção, com marcas e estruturas próprias do ambiente⁸.

Ao local social e histórico do texto falado ou escrito, subjazem práticas sociais e linguísticas e circulam sentidos. A essas práticas languageiras, oriundas da experiência oral ou escrita dos falantes, denominamos gêneros textuais. Gêneros textuais, assim colocados, podem ser descritos como práticas comunicativas, eventos “maleáveis, dinâmicos e plásticos”,⁹ que são adaptáveis, variáveis, como, em exemplo prosaico, uma carta ou um bilhete que, nos usos atuais, realizam-se como mensagem de e-mail ou celular. E os gêneros povoam “dinâmicos habitats sociais”, sendo, portanto, natural que, à medida em que a sociedade varie, variem também os gêneros textuais.

Com o tempo, gêneros textuais conhecidos podem se hibridizar, transformando-se em novos gêneros. Assim, no ambiente digital, habitam os gêneros textuais digitais, favorecidos pela tecnologia que transforma a internet em “laboratório de experimentações de todos os formatos”¹⁰. Esses gêneros abrigados no ciberespaço são os chamados e-gêneros, exclusividade dos ambientes virtuais, como e-mails, gifs, chats, memes, podcasts, lives, reuniões online etc. São gêneros naturalmente fluidos, voláteis e versáteis, primando pela intergeneracidade. Ao se adaptarem a cada novo tempo ou necessidade de gerações distintas de falantes, eles vão sendo transformados, atualizados em novos formatos movidos pelas transformações do/no ambiente sociocomunicativo.

Foi ancorado nessa propriedade camaleônica dos e-gêneros que eclodiu, na dinâmica das redes sociais, o gênero textual digital live, amplificado para o mundo na emergência da Covid-19. O conceito teve sua origem na televisão, nas transmissões ao vivo (live broadcasting) via ondas de rádio. Todavia, no início da pandemia, as lives se configuraram como o novo novíssimo da internet. Reunindo som e imagem, esse e-gênero reúne a propriedade de condensar linguagem verbal e não verbal com a irresistível atração do evento “ao vivo”. A finalidade precípua da live é promover interação entre falantes e expectadores que participam desses eventos textuais-discursivos de modo

⁸ RODRIGUES, U. R. S. “Reencontro com o Texto: reflexões emergentes da prática da reescrita na Universidade de Brasília”. In: DIAS, J. F. *Comunidades de escrita autoral; abraçando a mudança*. Pontes Editores, 2024 (no prelo).

⁹ MARCUSCHI, L. A. “Os gêneros textuais e seus dinâmicos habitats sociais”. In: DIONÍSIO, A. P. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

¹⁰ MARCUSCHI, L. A. & XAVIER A. C. *Hipertexto e gêneros digitais; novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.



síncrono e emitem opinião nos espaços destinados aos comentários, os chats. Esse contato propicia a coprodução discursiva,¹¹ em que ambos influenciam o texto em produção.

Na pandemia, as lives constituíram espaço para um protagonismo nunca antes imaginado. Nem o rádio ou a televisão em seus primórdios pareceram tão democráticos. Com um celular em mãos, podia-se falar, cantar, dançar, expressar-se de qualquer lugar do planeta ao passe mágico do on. Isso porque as lives dispõem da propriedade da emergência imediata, rascunho e versão final da interação em si. Diferentemente dos vídeos, são eventos temporais únicos que não podem ser editados. Podem partir de um roteiro pré-elaborado e ter horário marcado, como as lives de música, todavia o diferencial é o evento instantâneo. Tal qual a fala, as lives acontecem em se fazendo, absolutamente ao vivo. Depois de realizadas, elas podem ser replicadas. Ao terminar uma live, ela passa a vídeo. Live nasce live e vira vídeo. E continua circulando pelo ciberespaço até perder força, vitalidade, funcionalidade e status de novidade como o próprio evento que a gerou, pois:

os gêneros são em primeiro lugar ‘fatos sociais’ e não apenas fatos linguísticos como tal. Sabemos que os gêneros são históricos e culturais (...). Quanto a isso, pode-se dizer que os gêneros não pré-existem como formas prontas e acabadas, para um investimento em situações reais, mas são categorias operativas, instrumentos globais de ação social e cognitiva. Por isso eles são tão dinâmicos...¹²

Sendo fatos sociais dinâmicos, os gêneros são capazes de assumir as feições do seu tempo, adquirindo formatos e funções adaptadas contextualmente, em tempo real, para atenderem a demandas sociolinguísticas de determinada geração. Isso se deu com o gênero crônica. Recuando no tempo, temos que o termo crônica advém do grego *chronos* que remonta à noção de tempo, ao registro de fatos passados em sequência cronológica. A crônica tem a função de retratar acontecimentos do dia a dia, e, em nível mais profundo, provocar reflexões sobre assuntos que, às vezes, passam despercebidos pela maioria da população. Como um bom texto, ela precisa dispor de textualidade,¹³ isto é, traços que fazem de um emaranhado de palavras um texto. Esses traços incluem a situacionalidade ou adequação do texto à situação sociocomunicativa, a progressão em informatividade ou medida na qual as ocorrências do texto são esperadas no nível conceitual e no formal, as pistas de intencionalidade ou valor ilocutório do discurso no jogo comunicativo, os vínculos de coerência para a aceitabilidade ou atendimento das expectativas do interlocutor, os pontos

¹¹ KOCH, I. & ELIAS, V. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo, 2011.

¹² MARCUSCHI, L. A. “Os gêneros textuais e seus dinâmicos habitats sociais”. In: DIONÍSIO, A. P. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 24.

¹³ COSTA VAL, M. G.. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, 2ª edição.



de intertextualidade ou fatores que fazem a utilização de um texto dependente de outro(s) e a coesão de elementos linguísticos para o estabelecimento das pontes e dos sentidos desejados.

A produção vinculada ao contexto caracteriza a tipologia das crônicas, por isso há muitas subclassificações tipológicas. Todavia, em linhas gerais, podemos dizer que se a crônica primar pela descrição de elementos na narrativa, expondo detalhes de objetos, lugares e personagens será crônica descritiva. Se trouxer a narração com graça ou ação, será crônica narrativa. Se, no entanto, destacar o ponto de vista sobre determinado assunto, será crônica dissertativa. Se a tônica for o humor, a ironia, o sarcasmo, impactando a sociedade de alguma forma, será crônica humorística. Se focar na expressão de emoções, evidenciando sentimentos, será crônica lírica. Se tratar de traços de poesia, sentimentos e emoções, utilizando versos poéticos, será crônica poética. Entretanto, se veicular notícias e fatos recentes por um viés crítico e jornalístico, será crônica jornalística. Se destacar episódios do passado, será crônica histórica. Se retratar a vida social e urbana, será crônica mundana. Se focalizar nas relações sociais e de poder, será crônica-ensaio. E, completando esse corolário, se primar por reflexão densa, será crônica filosófica.¹⁴

Entrementes, muitos desses tipos podem ser misturados num único texto. O gênero crônica é um híbrido com propriedades intertextuais intergêneros, que congrega a subjetividade da literatura e a objetividade do jornalismo, resultando da percepção do cronista sobre determinado aspecto da realidade e do seu compromisso com a verdade e as contradições do seu tempo.¹⁵ Por essa razão, ele é uma constante nas sociedades ao longo dos tempos em páginas avulsas, cartas, jornais e revistas, sendo comum em blogs – páginas de textos ou imagens atualizadas com frequência – ou em vlogs – páginas de opiniões e experiências pessoais por meio exclusivo de vídeos. Desde as crônicas do reino até os dias atuais, então, o gênero crônica permanece produtivo porque sua constituição permite que configuração e suportes sejam constantemente atualizados.

Neste estudo sobre as lives cabo-verdianas, longe de apenas narrativa temporal, o termo crônica estende-se para abarcar a produção textual falada ou cantada que relata e registra vivências e experiências no tempo e no espaço geográfico das ilhas, dando testemunhos da pandemia de Covid-19, evento que, como os bíblicos cavaleiros do apocalipse – peste, guerra, fome e morte –, instaurou e inscreveu o medo no inconsciente coletivo da humanidade. Nesse sentido, longe de apenas estrutura textual que narra fatos e impressões no passado e distante do apenas conto, as lives de fala e de música

¹⁴ FERREIRA, S. C. S. *A crônica: problemáticas em torno de um gênero*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística, 2005.

¹⁵ FÁVERO, L. L.; MOLINA, Márcia A. G. “A crônica: uma leitura textual-discursiva”. IN: NASCIMENTO, Edna M. F. S.; MOMESSO, M. R. O; LOUZADA, Maria S. O. (Orgs). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. SP: Unifran, (Coleção Mestrado em Linguística), 2006, p.74.



de Cabo Verde podem ser consideradas crônicas de um cotidiano que desvela e discute atitudes, valores e avaliações sociais no cenário cabo-verdiano dos tempos da pandemia.

Crônicas modernas de Cabo Verde – Lives de fala e de música nos tempos da pandemia

As lives de Cabo Verde, no conjunto produzido de maio a agosto do ano de 2020 nas ilhas de Santiago, Fogo, São Vicente e Santo Antão, traçam a linha do tempo da dinâmica e pandêmica realidade que se instalou naquele ano em todo o mundo, tecendo uma rede de relações que congrega produções de cabo-verdianos e cabo-verdianas dentro e fora do País. Eles interpretaram e expressaram o momento histórico pela fala e pela música, compondo retrato individual e coletivo de uma época que desafiou o conhecimento humano e promoveu verdadeira revolução de atitudes e hábitos relativos ao uso das novas tecnologias. No burburinho das redes sociais e plataformas virtuais, a pandemia trouxe as lives para as ilhas numa diversidade de assuntos, vigentes ou latentes nas esferas sociais, cuja tônica desaguava sempre na realidade pandêmica.

Nas tramas da pandemia, vieram enredados vocábulos, expressões e terminologias originadas na ou aplicadas à área da saúde. Entre elas, destacamos distanciamento físico ou social, isolamento, quarentena e lockdown. Distanciamento físico ou social foi a medida para diminuir a interação entre as pessoas e, por conseguinte, a velocidade de transmissão do vírus. Isolamento foi a medida para separar pessoas doentes das sãs para evitar propagação do vírus. E quarentena foi a restrição de atividades e afastamento das pessoas que estiveram expostas ao contágio. Ela podia ser individual ou coletiva, voluntária ou mandatória, envolvendo restrição no domicílio ou outro local designado. Quando as três primeiras medidas não se mostravam eficazes, era vez do lockdown, a contenção ou quarentena comunitária. Durante essa fase, saídas só eram permitidas para compra de mantimentos ou remédios, e até multas foram instituídas para o caso de descumprimento. Em todo Cabo Verde, o termo escolhido para a vigência de todas essas medidas foi *Kuarenténa*.

E foi nesse período que se observou o fenômeno objeto deste nosso estudo: as lives de fala e de música que funcionavam como crônicas, no período inicial da pandemia. De modo geral, as lives possibilitaram viver o impensado para outros séculos em tempos de pandemia: a liberdade de ir e vir, conversar com pessoas de perto e de longe, falar, cantar e ser ouvido sem os entraves do isolamento. Nas lives, as aglomerações eram permitidas. A vida respirava novos ares nas avenidas virtuais. E o gênero emergiu como uma outra e necessária vivência da pulsante realidade em Cabo Verde. Mesmo com aparelhos celulares nem tão potentes e nem sempre disponíveis à toda população ou com acesso



restrito, a qualquer hora do dia ou da noite, tornou-se comum, no sul e no norte, a inconfundível saudação: “*Olá, Minis! Tudu dretu?*” ou “*Olá, Psoal! Mnera?*”¹⁶

De início, as lives disputaram espaço com os vídeos e, no cenário, tanto vídeos pré-produzidos quanto vídeos ao vivo circulavam. Aos poucos, porém, a nova terminologia e a faceta moderna das lives foi se impondo, se naturalizando entre falantes e cantantes, sendo prontamente disponibilizados tutoriais nas redes sociais. As lives concorreram com os vídeos e, em muitos ambientes, como os da fala, os suplantaram. Muitos fizeram “vídeos” ao vivo, ou seja, fizeram lives. No ambiente da música, quase sempre, as lives eram pré-agendadas e divulgadas com antecedência pelos posts. Lançamentos aconteciam com hora marcada. Em alguns, vídeos pré-gravados só eram chamados de lives, porque os cantores estavam presentes, no horário marcado, para apresentá-las ou porque começavam a circular nas plataformas virtuais em uma hora combinada. As lives de música exigiam certo investimento, mas o retorno compensava: de evento momentâneo, depois, ganhavam o mundo como vídeos perenizados. As lives de fala tinham vida mais curta. Em pouco tempo, deixavam de circular nas redes. Entretanto, como registros que eram, nos tipos estudados, enxergamos a contraditória e complementar conjugação de fugacidade e perenidade.

Na sequência, apresentaremos as lives ou crônicas modernas de Cabo Verde que versaram sobre o cotidiano das ilhas de Santiago, Fogo, Santo Antão e São Vicente na quarentena, identificando temas e recorrências lexicais no intuito de descortinar o modo como falantes e cantantes residentes e emigrados interpretaram e expressaram o momento histórico da pandemia a partir de cenas corriqueiras da nova realidade, tramas de relacionamentos, ações relevantes e banais, assuntos e acontecimentos polêmicos, cômicos, lúdicos, políticos e culturais entre outros.

Ilha de Santiago – Localizada na região de Sotavento, Santiago é a ilha da capital do País, a cidade de Praia. Santiago conta com 269.950 habitantes, segundo censo de 2010. Dessa ilha, saíram registros oficiais de que a quarentena ou isolamento ocorreu em quatro momentos no arquipélago. O primeiro momento foi de 29 de março, quando se descobriu o primeiro caso de SARS-CoV-2, passando pelo decreto de calamidade, até 17 de Abril em todas as ilhas. O segundo foi de 17 de Abril a 02 de Maio, nas ilhas de Santiago, Boavista e São Vicente. O terceiro momento foi de 02 de maio a 14 de maio nas ilhas de Santiago e Boavista. E o quarto momento foi de 14 de maio a 29 de Maio em Santiago. A ilha contabilizava 3.437 (78,9%) casos de Covid até o final do primeiro semestre de 2020.

¹⁶ Tradução: “Olá, gente! Tudo bem?” É importante destacar que, devido a extensão do artigo, traduziremos apenas vocábulos ou expressões destacados no texto.



Na Ilha de Santiago, a produção de lives de fala começou a ser notada de abril para maio de 2020. As produções digitais abrangeram universo de internautas masculinos e femininos, jovens a adultos, em proporção mais ou menos equilibrada. As mulheres lideraram as produções do período, o que, segundo a Sociolinguística, é um dado importante se for considerado que, em geral, os homens tendem a ser os agentes inovadores por seu trânsito social historicamente constituído ser mais acessível do que o das mulheres, as quais tendem a ser conservadoras e a demorarem a aderir a uma onda social inovadora devido ao comportamento social esperado do sexo feminino. Em Santiago, foi diferente. Contudo, na evolução do processamento da novidade, a produção de lives acabou por envolver mulheres e homens. A faixa etária média dos falantes variou de 20 a 40 anos.

Em sua rota ascendente, as lives começaram a circular timidamente na ilha, mas ganharam força à medida em que os novos casos de Covid foram surgindo e as medidas de segurança se tornavam mais restritivas. Quando o chamado pra “fika na kaza” ou “fká na kaza” começou a circular pelas redes, foi dada largada para uma vida restrita ao ambiente domiciliar, mas cheia de experimentos no ambiente virtual, o que culminaria na eclosão das lives. Em sua maioria, como se pode observar nas tabelas 1 e 2, as lives eram produzidas por cabo-verdianos na diáspora, residentes na Suíça, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, Bahamas. Eles falavam de fora do País, sentindo-se dentro dele pela tela do computador ou do celular, com a interpretação de um falante local, mas com informações e inquietações próprias da perspectiva matizada pelo olhar estrangeirado de emigrante.

Na tabela 1, encontram-se registros das lives de fala de falantes da ilha de Santiago.

Tabela 1. Lives de fala da Ilha de Santiago



Gênero, idade, <i>status</i> social	Mês, local, tema, suporte, link e trechos
(1). Homem, 39 anos (+ou-) Famoso	Maio. Suíça <i>A origem de muitos dos nossos comportamentos remontam à escravidão</i> Instagram https://www.instagram.com/p/B_7NSEhHf89/ Nos páis, ku nos mais, ku nos donus, es danu idukason kes pudia daba nos Txeu di kel idukason la foi dibaxu di dor, dibaxu di magua, dibaxu di sufrimentu Psikologia di kenha ki foi kobadu, é di koba algén Ten a ver ku idukason di maltratu, fisiku i psikologiku ki nu ta kria na el Txeu di nos ta pensa me kultura, é ka kultura Egu ku orgulho ka ta dexabu aborda kes tema li, pa nu fala di kel ke real
(2). Mulher 32 anos (+ou-), Não muito famoso	Junho. Londres <i>Trauma racial- Cura interior</i> Instagram https://www.instagram.com/p/CBocAYJINyM/ Pa nu bem fazi um poku di meditasão em tornu di tudo ki sta passa ultimamenti na mundu Nu tem ki para um kuzinha pa u refliti Kuantu más nu sabi, más livri nu ta ser
(3). Mulher 28 anos não-famosa	Julho. Brasil <i>Sensualidade, o feminino e seus tabus</i> Instagram https://www.instagram.com/p/CCLrsioj_1A/ Aproveita es momentu di kuarentena... Ki nu teni más tempu livri pa fala kuzas di nos dia a dia i até kuzas ki nu gosta... Relasiona Sensualidade a sexu E ka nha ropa ki sa ben fala pa mi Pui kabesinha ta pensa nes kuarentena
(4). Mulheres 30/31 anos, não muito famosas	Agosto. Bahamas <i>Abuso Sexual- O segredo da sociedade Cabo-Verdiana</i> Instagram https://www.instagram.com/p/CEPixSkFSu5/ Fala tabu ku objetivu di konekta nos kumunidadi Abusu sexual é um di kes maior pandemia ki ta divasta Kabu Verdi Pamodi ki abusu sexual sta tãu intrelasadu ku nos kultura, sinseramenti N ka sabi... N tivi kel epoka Ki N tivi pensamentu suisidiu Nu tem ki ta kumesa ta kura di dentu Infilizmenti kel li é tãu kumun na nos sosiedadi

Fonte: elaborado pelos autores

De modo geral, como se vê em 1, vieram de fora do Arquipélago o impulso, o esforço e o reforço para produção e eclosão das lives de fala de Santiago, todas produzidas em crioulo cabo-verdiano. É importante destacar que muitos emigrantes agiram proativamente no sentido de informar, conscientizar e alertar aos conterrâneos nas ilhas sobre o perigo iminente da doença que se alastrava velozmente pelo mundo, que ceifava vidas e desmontava sistemas de saúde de muitos países e que poderia causar uma verdadeira hecatombe em Cabo Verde, país com poucos laboratórios e hospitais. Dessa maneira, demonstraram estar conscientes de não poderem se calar em momento tão decisivo como aquele em que a pandemia representava risco à espécie humana e, em particular, à vida de parentes, conhecidos e compatriotas que permaneciam nas ilhas.

Gradualmente, a partir da movimentação inicial dos emigrantes em países com maiores condições tecnológicas, as lives de falantes insulares da Ilha de Santiago começaram a despontar. Entretanto, a demora na percepção do fenômeno e a dificuldade de acompanhar a celeridade com que as lives surgiam e desapareciam de uma ou outra rede acabaram por restringir o nosso corpus,



conforme dissemos. Ainda assim, a coleta é representativa em termos temáticos. De maio a agosto, nas lives de fala, os santiaguenses liberaram temáticas presas na garganta: assuntos tabus, questões político-sociais conflitantes, questões de educação, aspectos do comportamento, alimentação, beleza entre outras temáticas, sob a forma de monólogos, conversas, debates, entrevistas etc.

Pelos títulos das lives da tabela 1, observamos que essas produções tinham em comum a coragem para expor assuntos que em, em outros tempos, não surgiram com tamanha intensidade, frequência e visibilidade. As lives de fala de Santiago tratam de temas polêmicos e complexos para qualquer sociedade, como escravidão, trauma racial, sensualidade, abuso sexual. Essas temáticas eclodiram, desencadeando atitudes críticas e corajosas de bradar, de denunciar ações e de revelar segredos perturbadores, de conclamar a todos contra o silenciamento ao mesmo tempo em que também incentivavam o silêncio interior: contradições de uma era sem tréguas. A pandemia acelerava a todos e fazia crer que havia chegado a hora do basta. E o levante poderia ser feito pelas redes sociais, estava ao alcance de todos e prometia difusão potencializada no mundo.

Nas lives de fala, os vocábulos, expressões e frases vinham carregados de sentidos negativos e positivos relacionados à preconceitos, sofrimentos, traumas, mas também libertação física, emocional, psicológica, sexual, profissional, pessoal. Como demonstrativos desse olhar acurado e consciente dos cronistas modernos de Cabo Verde, destacamos os excertos: (1) *Egu ku orgulho ka ta dexabu aborda kes tema li, pa nu fala di kel ke real*; (2) *Pa nu ben fazi um poku di meditaçu em tornu di tudo ki sta passa ultimamenti na mundu*; (3) *Ki nu teni más tempu livri pa fala kuzas di nos dias a dia i até kuzas ki nu gosta...*; (4) *Fala tabu ku objetivu di konekta nos kumunidadi*.¹⁷

Importante destacar que, geralmente, a pessoa do discurso nas lives é a primeira do singular, N, mi, ami, ou a terceira pessoa do singular, el, ou plural, es, mas, em a certa altura, a primeira pessoa do plural, nu, passa a ser recorrente, revelando a intenção do falante de incluir o ouvinte e obter a adesão ao que está sendo dito. Ao final, invariavelmente, há um posicionamento, uma atitude, uma orientação ou sugestão enfática sobre o que poderia ser feito para romper a barreira do silêncio a que tais temas foram relegados na sociedade insular. Nesse ponto, era a outra face da coragem que se apresentava, a que vinha do medo: uma vez que tudo poderia acabar de uma hora para outra, novos e antigos internautas aproveitaram para falar sobre tudo antes do fim do mundo.

Das lives de fala para as lives de música, enquanto as primeiras, motivadas pela extrema pressão do momento foram discretas e transversais ao tocarem na temática da pandemia, as lives de

¹⁷ Tradução: (1) Ego e orgulho não te deixam abordar esse tipo de tema, para a gente discutir o que é real; (2) para a gente fazer um pouco de meditação em torno de tudo o que está acontecendo ultimamente no mundo; (3) Que a gente tenha mais tempo livre para debater coisas do nosso dia a dia e até coisas que a gente gosta...; (4) Falar de tabu com objetivo de conectar a nossa comunidade.



música foram direto ao ponto, tornando-se praticamente intérpretes da pandemia. Palavras, frases e expressões diretamente relacionadas ao tema emergiram nas canções lançadas no período inicial de 2020. Como sabemos, a música, de modo assemelhado à literatura, extrai muitos dos seus temas da verve criativa interna de quem a produz, todavia tem a inspiração também despertada pela vida real, acontecimentos diários, eventos fortuitos, encontros e desencontros reais, vivências, histórias e memórias. Letras com a temática da realidade brotaram com força no solo fértil da criatividade dos artistas cabo-verdianos nas ilhas e na diáspora, produtores dos gêneros que convivem no arquipélago: morna, coladeira, funaná, batuque, mazurca, talaia baxu, zouk, kizomba, reggae e rap.

No ambiente das lives de música, pretendendo ampliar as fronteiras do texto escrito sem, no entanto, reduzirmos as dimensões da música como arte universal que é, o que visualizamos na letra escrita de uma música, para além da inspiração e da melodia, é um texto em essência, recheado de imagens em linguagem ritmada para caber na métrica do canto e no esquadro da vida. Desse modo, a letra de uma música é também, fundamentalmente, um texto que pode ser muitas vezes lido reconfigurando-se como uma manifestação da oralidade toda vez que a voz, ao invés da fala, der vez ao canto. Em Cabo Verde, música é tradição. Basta observarmos um pouco para percebermos que os cabo-verdianos trazem a música na alma como quem canta e dança ao som das ondas do atlântico. E, durante a pandemia, o que se observou foi uma profusão de músicas, cantando a distância e a saudade à sombra da pandemia. Aliás, o nosso primeiro olhar para as lives se deu por meio dos versos e refrões musicais relativos à pandemia.

Nesses meses de maio a junho, na Ilha de Santiago, as letras e as imagens produzidas apresentaram todos os ingredientes de um bom texto de crônica. Letras com linguagem simples e informativas, narrativas sequenciadas, realidade transposta com coerência e emotividade para o canto eram alguns dos ingredientes infalíveis desse gênero que se transmutava, na efervescência das redes, em crônica. As lives de música de Santiago acabaram por fazer ecoar no Arquipélago todos os sentidos e o peso da palavra Kuarenténa. Foi nesse período que bares e boates foram obrigados a fecharem as portas, deixando cantores e bandas vulneráveis ao abalo financeiro que evocava o fantasma da fome. A música como companheira da solidão e interpretante dos sentimentos de um indivíduo ou de um povo provou ser tão essencial quanto a fala na pandemia. Por isso mesmo foi tão produtiva na ilha de “Praia Maria”¹⁸ e nas outras ilhas.

¹⁸ VIEIRA, N. *Praia Maria*. In: <https://www.youtube.com/watch?v=djOmrLnD0Do> Acesso em 02/05/2024



Neste ponto, cabe destacar a oportuna e relevante fala da professora Juliana Braz sobre a música em Cabo Verde e as lives de música nas ilhas, na comunicação conjunta de 2020:¹⁹

Esta é uma arte muito significativa dentro do país e é também um modo como os cabo-verdianos se fazem presentes no cenário internacional. (...) É de se imaginar, assim, que a pandemia, que tem modificado a nossa percepção da vida, nossas formas de relação social e nossos hábitos diários, tenha se tornado um tema fartamente abordado pelos músicos do país, amadores ou profissionais. (...) As lives podem envolver diversos estilos de música. Sua novidade está no fato de ser um canal que possibilita uma contração do tempo e do espaço. (...) As lives são capazes de reunir o melhor de dois mundos.

Inicialmente, algumas dessas lives de música chegaram pelas redes sociais como vídeos pré-gravados, mas, logo, apresentações de muitas delas passaram a ser divulgadas nas redes sociais, sendo realizadas em transmissões ao vivo no formato de lives. As músicas, às vezes, eram cantadas por amigos do cantor original, por colegas e admiradores ou cantadas e dançadas por gente anônima em algum ponto do ciberespaço todos os dias. Tornou-se comum abrir a página de qualquer rede social e ver gente famosa e gente desconhecida, incluindo amigos de amigos e pessoas reunidas por grupos nas redes, fazendo live de alguma música nova, recém-conhecida ou mesmo desconhecida. As aglomerações, nas redes sociais, estavam permitidas. As pessoas, agora, pareciam uma tanta ilha e um tanto mar: viam na praia da internet o único porto para seguir em frente ou voltar e ancorar.

Nos meses de maio a junho, diante da inspiração nascida no calor da pandemia – restrições sanitárias, obrigatoriedade do uso da máscara, medidas instrutivas e punitivas, casos e mais casos da doença –, muitos artistas cabo-verdianos produziram músicas que retratavam o complexo cenário de incertezas e medo. Até mesmo quando falavam apenas da dor de amor, o enredo indicava a latência da pandemia. Dessa forma, artistas de Cabo Verde tornaram-se cronistas de um cotidiano caótico, que, como se não bastassem a distância entre as ilhas e os continentes e a saudade devido à histórica diáspora cabo-verdiana, agora, com portos e aeroportos fechados, havia o risco de não existirem mais partidas nem regressos tampouco férias dos emigrantes nas ilhas. Aos sensíveis observadores da realidade coube expressar, pelos acordes musicais, novas e atualizadas melodias com elementos da impactante realidade, como se vê na tabela 2.

Tabela 2. Lives de Música da Ilha de Santiago

¹⁹ RODRIGUES, U. R. S. et al. “Cabo Verde *Lives*; variação na língua crioula e na linguagem musical em tempos de pandemia”. Comunicação. *XXIII Pré-Congresso Internacional de Humanidades*. Universidade de Brasília, 2020.



Gênero, idade, status social	Mês, local, tema, suporte, link e trechos
(1). Homens (2), 25 anos (+ou-), Famosos	Maio. Ilha de Santiago <i>Melodia da Quarentena</i> Youtube https://www.youtube.com/watch?v=kSeAqHJEZI8&list=RDkSeAqHJEZI8&start_radio=1&t=50 Oji N korda sedu ku gana odjäu Sodadi bo sta mata-N, ai, kode, sta mata-N Oras ki tudo es tormentu pasa, fla-N si bu ta spera-N, fla-N si b uta spera-N Vontadi di odjäu ki sta ta mata-N, ai korason ki sta ta perta-N N teni gana beijau, N teni gana brasau Mi N tem fe, ma tudo ta pasa, pa-N bem amäu sima nunka N amaba SiN podia sta la ku bo, ai nha baby N ka podi go
(2). Homens (2), 15/18 anos (+ ou -) Famosos	Junho. Praia <i>Medo sai na rua</i> Youtube https://www.youtube.com/watch?v=vBNEyChKjmc N sa dentu di kasa, ku gana sai na rua Dja sta bom des kuarenténa Só sai na rua, es ta bazou di multa kabu Verdi nu djunta nu ora N ka kre txora, N ka kre nada N ka kre sufri, N ka kre nada Só dentu kaza, porta fitxadu, N ka odja ningen ke pa N abrasa, sta bom di sufri nes kuarentena Nu pidi Nhordeús pa djuda Otu na kaza sta sem pon na kaza pa da familia Povu na europa familia sta ta txora Nos ser é pobri, ka podi ku es pandemia
(3).Homem, 45 anos, Famoso	Junho. Holanda <i>Dipos di Kuarentena</i> Instagram. Youtube https://www.youtube.com/watch?v=y2hJf2PJzYg Ami n kre levabu pa nha terra, Ba mostra nhas gentis bu beleza, Ami N teni pilon di pikéna Ami ku nha pilon di pikéna Sabura di kabuverdi
(4) Homem 25 anos (+ou-) Famoso	Agosto. Cabo Verde <i>Deus Djobi Pa Mundu</i> Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=xjZGUhfe-aE Oji N korda maguadu, N labanta tristi só di obi nutisia di kuzas ki sa kontisi! Es duénsa bira trágiku, mundu entra em paniku! Nos mundu as ta klama, sa pidi bu ajuda! Di manera ki sa ta xpandi ninguen ka as dura! Odja kantu ki dja foi kontaminadu pa es Praga
(5) Homens (2), 39 anos (+ou-), Famosos	Junho. Lisboa <i>Ah, Corona Passa!</i> Instagram. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=xhtDIMS0G2U Ah korona pasa! Fika dentu kasa Pa-N sai dentu kasa, abrasa nhas familias, amigus, brinka ku minis! Pa-N ba nha trabadju, dipos pa-N ba kompra! Ah korona pasa, Ah korona bai, bai! Bai ka bu ben más, pa nunka más. Dexta-N em páz! Oh mundu ka bu kaba! Ka nu da moleza, nu toma izémplu na otu paísss! Pa nu kodji kel ki nu planta, nu tem ki protegi raiz! Nu fika na kaza oji. Nu kumpri pamodi manhan é um novu diaaaa! Oji é tristeza, manhan é alegriaaa! Nu protegi pa ka kontagia! Es kre da kabu di mundu, ma nhorDés é maior! Fika na kaza ke soluson, nu fazi korenti ku nos orason! Ka nu skési nos profesional di saúdi, nu sta li pa nu agradezi nhos atitudi!

Fonte: elaborado pelos autores



Nas lives de música, os homens lideraram com canções que iam de denúncia às dores de toda sorte e expectativas causadas pelo cenário nebuloso da pandemia. Lives de músicas ou vídeos feitos por mulheres não foram registradas, talvez porque elas não tenham aderido prontamente à novidade virtual ou porque tiveram que assumir, inesperadamente, o controle de suas casas em detrimento de suas carreiras. A faixa etária dos produtores das lives de música de Santiago vai de 15 a 45 anos. Cantores de diversos gêneros musicais fizeram sucesso com músicas em que a tristeza e a solidão, a fé e a esperança, o medo e a ansiedade foram temáticas a catalisar narrativas: histórias de amor à distância, tristeza do jovem que observa a rua do escuro do quarto, esperança e otimismo dos que sonhavam com a felicidade do depois da quarentena, a fé e o drama dos que rogavam para que a praga desaparecesse até a conversa surreal com o vírus.

As lives de música de Santiago externaram sentimentos trancados dentro do coração e das casas. Algumas letras sugeriam, inclusive, como usar o, agora, sufocante tempo livre. Esse era o ócio que ninguém havia sonhado. Outras, denunciavam a falta de comida nos lares, porque as pessoas estavam impedidas de sair para trabalhar e as agências estatais não dispunham de meios para subsidiarem a todos. Em algumas das letras cantadas nas lives, há o merecido destaque aos profissionais de saúde que dedicaram sua energia e empenharam suas vidas na linha de frente da pandemia. Até as multas pela infração ao isolamento social não passaram despercebidas. Os artistas cabo-verdianos, com requinte e vivacidade que só o talento e a ocasião permitem, elaboraram versão multissensorial e poética da pandemia. Porque o sofrimento também se presta à poesia.

Nos fragmentos dessas músicas que versam sobre a quarentena confluem várias maneiras de olhar o mesmo acontecimento com a tônica inquietante do passar dos dias, atualizando conceitos, trazendo sinônimos e novas maneiras de reportar os fatos, percepções e sentimentos: (1) *Oras ki tudo es tormentu pasa, fla-N si bu ta spera-N, fla-N si b uta spera-N*; (2) *Dja sta bom des kuarentena (...) Só sai na rua, es ta bazou di multa*; (3) *Dipos di korentena, ami n kre levabu pa nha téra*; (4) *Es duensa bira tragiku, mundu entra em paniku (...) Odja kantu ki dja foi kontaminadu pa es Praga*; (5) *Ah! korona pasa (...) Pa-N sai dentu kasa, abraza nhas famílias, amigus, brinka ku minis! (...) Nu fika na kasa oji, nu kumpri pamodi manhan é um novu diaaaa!*²⁰

²⁰ Tradução: (1) Quando esse tormento passar, me fala se você está me esperando, me fala se você está me esperando; (2) já chega dessa quarentena (...) só sair na rua que eles te encham de multa; (3) Depois da quarentena eu quero te levar para a minha terra; (4) Essa doença se tornou trágica, o mundo entrou em pânico (...) olha quantos já foram contaminados por esta praga; (5) Ah! Corona passa (...) para eu sair de casa, abraçar a minha família, amigos, brincar com o pessoal! (...) Vamos ficar em casa hoje, vamos cumprir porque amanhã é um novo diaaaa!



Ilha do Fogo – A Ilha do Fogo é a mais próxima de Santiago, e tem como capital São Felipe. Famosa por possuir um vulcão ainda em atividade na região de Chã das Caldeiras, conta com população total estimada em 37.861 habitantes. Nessa ilha, o período oficial da quarentena começou em 20 de março e durou poucas semanas. O primeiro caso de Covid-19 na ilha foi registrado em 17 de agosto. Diante do cenário da pandemia no mundo, essa ocorrência um tanto tardia pode justificar, em parte, o não surgimento de lives de fala e lives de música produzidas por falantes residentes nesta ilha. A nossa amostra, como poderá ser observado na tabela 3, é composta apenas por produções de falantes da Fogo na diáspora.

Tabela 3. Lives de Fala da Ilha do Fogo

Gênero, idade, status social	Mês, local, tema, suporte, link e trechos
(1) Mulher, 40 (+ ou -), Não famosa	Abril. EUA <i>Desabafo sobre contaminação por COVID-19</i> Facebook https://www.facebook.com/100047300356165/videos/t.100009549616083/137026457884032/?type=2&video_source=user_video_tab Luta kuel Korpu ka sabi Odjo intxadu Voz rokisseba Isula nha kabesa N reza tudo dia N ka ta pode papiaba Luta te inda Dor na korpu Nha Santu é grândi Nhos kuida di nhos N sta mi so N ka ta dezeja katxor na rua el Nhos fika na kaza Nhos kuida El Ka ta konkou na porta Ka nu brinka Djunta fé Korona
(2) Mulher, 25 (+ ou -), Não-famosa	Abril. EUA <i>Desabafo sobre contaminação por COVID-19</i> Facebook https://www.facebook.com/mewry.lopez/videos/2898904913526214/ Covid-19 Têxta positivu Fika na casa favor Koronavírus Nariz ta dué Dor di cabeça Du fika na kasa Du protegé nós bedju Djam txóra txeu N ka sta bem txóra más Sake na kanela
(3) Homem, 40 anos, Famoso	Maió. EUA. <i>Projeto Solidário- Entrevista a um amigo</i> Facebook. https://www.facebook.com/100050656097567/videos/t.100009549616083/158791469152722/?type=2&video_source=user_video_tab Têmpu di Covid-19 Korona vírus Djunta mon
(4) Homens, mulheres, Entre 10 e 40, Não-famosos	Agosto. EUA <i>Churrasco entre amigos</i> Instagram. (- link) Sodadi nhos Nhas broda Nha manu Nós ki ta manda

Fonte: elaborado pelos autores



Raras lives de residentes da ilha foram visualizadas nas redes, mas não foram registradas neste estudo. Deduzimos que deve ter demorado um tempo até que os moradores cedessem aos apelos do novo experimento tecnológico ou que, talvez, esse tempo nem tenha chegado. Entre os fatores condicionantes, talvez, estejam a pequena dimensão da ilha e a proximidade dos moradores com realidade diária o que os fez menos propensos e ainda menos à vontade para tratarem de temas polêmicos. Na base, também podem estar a demora para o registro do primeiro caso da Covid na ilha, o que dava a sensação de que a pandemia ainda estivesse distante, ou o distanciamento das localidades mais afastadas da capital ou zonas mais urbanizadas, onde o sinal de internet costuma ser precário.

Na *DjarFogu*, até mesmo as lives dos falantes na diáspora demoraram a surgir nas redes. E, quando apareceram, a temática compreendeu, inicialmente, corajosos primeiros depoimentos de pessoas contaminadas pelo coronavírus, numa época em que os primeiros doentes temiam o preconceito pela doença desconhecida que não tinha protocolo de tratamento tampouco promessa de vacina. Como ninguém sabia ao certo como o ciclo da doença iria se desenrolar, esses relatos emocionados vinham acompanhados de avisos e de conselhos para promoverem a conscientização sobre os perigos do coronavírus e a extrema importância dos cuidados preventivos, como as medidas higiênicas de lavar as mãos e passar álcool em seguida, usar máscara e manter a distância social.

Nesse cenário, homens e mulheres originários do Fogo, em sua maioria residentes na *Merka*, quase sempre na faixa de 20 a 45 anos, narraram com coragem sua experiência com a doença e alertaram sobre a importância das medidas protetivas e os riscos de contaminação. Aos poucos, porém, as lives de casos pessoais foram dando lugar às lives de organização de campanhas de ajuda humanitária em tempo real e também àquelas de exibição de cenas domingueiras de algum momento ou reunião nas famílias grandes que viviam na mesma casa, o que havia se tornado raro devido à recomendação expressa das autoridades sanitárias de se evitar aglomeração de qualquer natureza, mesmo a doméstica. Era orientado o uso de máscara mesmo dentro de casa.

Na fase inicial da pandemia, quando o conhecimento sobre o vírus engatinhava e a doença andava solta pelo mundo, era alardeado que a Covid-19 atingia apenas idosos. Nessa altura, quando não se sabia qual seria o desfecho da doença e o fantasma da intubação hospitalar ou da falta de leitos no hospital rondava a todos e fazia da casa um abrigo seguro, a expressão destacada no Fogo juntamente com o *fikâ na kaza* foi o *djunta-mon*, o mutirão de ajuda comunitária. Mais do que lema nacional ou valor cultural de um povo que se ajuda mutuamente, era a expressão icônica da identidade cabo-verdiana, variando nas redes por analogia para *djunta-fê*, e, em tudo, lembrando a sabedoria do



saudoso Sr. Socorro Montrond: ²¹ “*purkê un mon só ka ta labâ; nos, nu ten ki djuntâ-mon*”.²² A pandemia nivelava a todos e mostrava ao mundo a necessidade de união e solidariedade contra um vírus que não poupava localidade, classe social, idade, escolaridade, status ou outra variável qualquer.

As lives de fala da ilha do Fogo, estruturalmente, acompanhado a tendência do ambiente dinâmico e volátil do meio digital, apresentam extensão curta, linguagem simples, análise crítica do contexto e das circunstâncias, linha cronológica bem delimitada, clareza de ideias e muita objetividade na exposição e defesa do ponto de vista. Os falantes focaram na articulação das ideias e encadeamento de argumentos, buscando interação no olhar e na gestualidade ao darem conselhos para evitar a doença e exprimirem os sentimentos decorrentes da falta do contato físico, conforme evidenciam estes trechos com vocábulos e expressões incisivas: (1) *nhos kuida di nhos... nhos fika na kaza.... djunta fê... ka nu brinka*, (2) *du fika na kaza... du protege nos bedju... djam txora txeu*, (3) *témpu di covid-19... djunta-mon...*, (4) *sodadi di nhos*.²³ Vejamos as lives de música da ilha do vulcão:

Tabela 4. Lives de Música da Ilha do Fogo

Gênero, idade, <i>status</i> social	Mês, local, tema, suporte, link e trechos
(1) Homens, 25 a 40 ano, Famoso Buguin Martins	Maior. Fogo/Santiago <i>Dja dura /Tempu ta kura / Dexam flau / Bu tocam / Nha Baby / Nhã mudjer</i> Facebook https://www.facebook.com/prismavideoscv/videos/555985358449498/ Txeu sodadi nhos? Nhos partilha, pessoal! Kel mon pa riba Sa sabi? Nhos sa gosta?
(2) Mulher, 40, Famosa Neuza de Pina	2. Maio. EUA <i>Badia di Fogo / Armanda / Padre ki Casam / Djar Fogo / Trem-Bala (Ana Vilela)</i> Facebook https://www.facebook.com/watchparty/2893333477440254/ Sodadi di palku Nós bandera Kre nhos txeu dimas ruspetu
(3) Homens, 24/25 anos (+ ou -) June Freedom Feat Nelson Freitas	Junho. EUA <i>Dor d'un kriolu</i> . Estilo: Zouk. Instagram. https://www.instagram.com/tv/CCdIRFAnimt/ N kre ba pa rua, mas N ka podê Es tem li na kaza sima um prizioneru Ai, ma N ten sodadi Sodadi di nha povo Sodadi di abrasas Nha téra, nha kaza, nha korason Nha fonti d'inspirason Djam ka ten mun téra sâbi moda bo Mí N kre txiga Fogu Txiga na nhas genti abrasâ Mata sodadi Ai, djas ftxá frontêra! Es k'e dor d'un kriol

Fonte: elaborado pelos autores

²¹ RODRIGUES, U. R. S. “Apêndices II”. In: *Fonologia do Caboverdiano; das variedades insulares à unidade nacional*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2007, pp. 46-67.

²² Tradução: Porque uma mão só não lava; nós, nós temos que juntar as mãos.

²³ Tradução: (1) Você se cuidem... fiquem em casa.... vamos juntar fê... não vamos brincar, (2) vamos ficar em casa... vamos proteger os nossos velhos... já chorei muito, (3) temos de covid-19... juntemos as mãos..., (4) saudade de vocês.



Nas lives de música da Ilha do Fogo, em linhas gerais, destaca-se retomada de antigos sucessos sobre saudade, ausência ou distância da pessoa amada, dos familiares e da terra natal. Essas músicas foram atualizados nas paródias virtuais e incorporadas nas campanhas beneficentes contra o câncer e outros males, numa verdadeira hibridização dos dois tipos de lives aqui focalizados. Artistas famosos promoveram um djunta-mon musical para atender aos mais necessitados, divulgar suas músicas e dos colegas, visando também os likes para se manterem em evidência e remunerados num mundo de shows cancelados. Nesse sentido, a cultura foi uma das grandes vítimas da pandemia nas letras das músicas, as marcas linguísticas desse contexto de premência pela audiência e de insegurança quanto ao amanhã ficaram registradas: (1) *nhos partilha, pessoal!... nhos sa gosta?*; (2) *sodadi di palco... nós bandera.*”²⁴

A temática pandêmica aproximou artistas iniciantes de outros consagrados pelo público, como Neuza di Pina, promovendo encontro de estilos tradicionais, como talaia baxu e coladeira, com estilos modernos do zouk e kizomba. Foi desse modo que, ainda que poucas, as lives de música da ilha do Fogo compuseram um todo orgânico que soma às demais ilhas para dar a dimensão das feições da pandemia a cada mês do avançar da Covid-19 no Arquipélago. Nas letras das músicas, cantores e cantoras famosos e aspirantes à fama deixaram transparecer o quanto o País que transpira música e extrai dela grande parte de sua força vital, processou, elaborou e externou as temáticas clássicas da saudade da terra e *di nha kretxeu.*²⁵

A dor cantada em versos melancólicos fazia reverberar ecos da tristeza e limitações impostas pela pandemia: (1) “*N krê ba pa rua ma N ka podê. Es ten li na kaza sima un prizioneru;* (2) *Ai, ma N tem sodadi. Sodadi di nha genti. Sodadi di nha povu;* (3) *Ai, dja es fitxa frontêra. Es k'é dor d'um kriolu.*”²⁶ Era também a saudade do tempo sem pressa das ilhas, do tempo em que se podia voar livremente para elas, quando parecia impossível cogitar um outro cotidiano. Os naturais do Fogo, vendo proibidas as viagens de barco e cancelados os voos que ligam o arquipélago aos continentes, trazendo turistas e parentes emigrados e, em certos casos, providenciando a mobilidade de doentes para ilhas com maior suporte médico, deixaram transparecer nas atitudes em cena, falas e canções, nos palcos virtuais das lives, a mudança de foco da temática pessoal para a comunitária.

²⁴ Tradução: (1) Partilhem pessoal!...você estão gostando? (2) saudade do palco...nossa bandeira.

²⁵ Tradução: do meu amor

²⁶ Tradução: (1) Eu quero ir para a rua, mas eu não posso. Eles nos têm na casa como prisioneiros; (2) Ai, mas eu tenho saudade. Saudade da minha gente. Saudade do meu povo; (3) Ai, eles já fecharam a fronteira. Esse que é a dor de um crioulo.



Na Ilha de Fogo e na Ilha de Santiago, diferentemente de posts humorísticos, religiosos, propagandísticos, alegres e tristes, que circulavam, na maioria das vezes, em Língua Portuguesa, as lives foram faladas e cantadas exclusivamente em crioulo. Tamanha frequência do uso da língua materna nas lives de fala e lives de música fez ressoar a célebre frase do escritor Jorge Amado, quando sentiu a admirável vitalidade do crioulo nas ilhas – “Em Cabo Verde, a vida transcorre em Crioulo” –, suscitando, por vezes, um melancólico adendo “a vida e a morte”, nos tempos de pandemia.

Ilha de São Vicente – A ilha de São Vicente tem como capital Mindelo, cidade que se formou a partir do Porto Grande, baía considerada uma das sete mais belas do mundo.²⁷ É a segunda ilha mais populosa do arquipélago de Cabo Verde, com aproximadamente 82.679 habitantes. Sua economia gira em torno dos serviços e do comércio. A sua produção cultural reside, essencialmente, na música. É berço da grande diva da música cabo-verdiana, Cesária Évora e de figuras emblemáticas da terra como Senhor *Tói da Lux*.²⁸ A quarentena também ocorreu em São Vicente, e, até o final do primeiro semestre de 2020, foram registrados poucos casos de infecção pelo coronavírus na ilha.

Em São Vicente, durante a quarentena, as pessoas também foram bruscamente privadas da convivência diária. De uma hora pra outra, ficaram de frente com o descanso forçado e seus problemas dentro de casa. Relacionamentos acabaram ou começaram nas vias do ciberespaço. O prenúncio do fim do mundo marcou revolução nos costumes e atitudes das pessoas que, diante do incerto, muniram-se de coragem e da língua crioula para saírem às ruas virtuais, perpetrando vivências individuais e coletivas por meio da linguagem. De repente, escolas e postos de trabalhos haviam sido fechados, apenas o comércio essencial de supermercados e farmácias permaneceu aberto. A dimensão em São Vicente: imperavam o silêncio e passos solitários e apressados dos poucos que transitavam de máscaras pelas ruas da outrora movimentada Ilha do segundo maior carnaval do mundo. Os blocos carnavalescos, tradição do início do ano nas ruas do Mindelo, fecharam as alas. O turismo ali e nas outras ilhas entrava em recesso por tempo indeterminado.

Cabo-verdianos residentes em outros países, observando a realidade das ilhas, tomaram a dianteira como agentes inovadores decisivos da mudança de comportamento digital, utilizando a língua materna como forma de expressão na internet. Foi grande a participação das mulheres, jovens e adultas, na produção das lives de fala de São Vicente. Homens, jovens e adultos também participaram. Por fuga ou por foco, recorreram às lives como uma saída para o isolamento e válvula

²⁷ NOTÍCIAS DO NORTE. *Baía do Porto Grande entre as sete mais belas do mundo*. Disponível em: <https://noticiasdonorte.publ.cv/18176/baia-do-porto-grande-sete-belas-mundo/>. Acesso em 06/10/22.

²⁸ RODRIGUES, U. R. S. “Apêndices IV”. In: *Fonologia do Caboverdiano; das variedades insulares à unidade nacional*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2007, pp. 139-148.



de escape para montanha-russa de emoções da pandemia e doenças dela decorrentes e, em alguns casos, para formarem referência enquanto eles próprios buscavam um rumo. O que poderia ser visto por alguns como exibicionismo, pode ser interpretado como protagonismo do povo e da língua crioula no cenário nacional e internacional. Vejamos, na tabela 5, as lives de fala desta ilha.

Tabela 5. Lives de Fala de São Vicente

Gênero, idade, status social	Mês, local, tema, suporte, link e trechos
(1) Homens (4), Entre 20 e 40 anos, Famosos	Junho. Cabo Verde <i>Trabalhos musicais</i> Instagram. https://www.instagram.com/tv/CBEed2pyn0W/ Ex ka ta podê k'noj Pê na bóka Dpox d'kuarenténa
(2) Mulher, 25-30 anos, Não famosa	Junho. Colombia <i>Cuidados especiais: tratamento cabelos cacheados</i> Instagram https://www.instagram.com/tv/CBN71DLjirY/ Live mas rápid N ten k sei Morenas kor d'kanela Somá k... Kurva Epidemiológika Dá spid Mandá bóka
(3) Mulher, 25 anos (+ ou -), Não famosa	Junho. França <i>Cuidados pessoais: cabelos cacheados</i> Instagram https://www.instagram.com/tv/CB_PRTOK4oz/ Kresê di boa fôrma Reseká kabel
(4) Mulheres (2), 26 e 30 anos (+ ou -), Não muito famosas	Agosto. França e EUA <i>Trocas de experiências: Maternidade e Relacionamento.</i> Instagram https://www.instagram.com/tv/CEU1SsMKeid/ Ka idealizá Ten fidj Amor te bá te kriá Ya!

Fonte: elaborado pelos autores

De junho a agosto, na ilha que respira arte e cultura, há registros de lives de fala tratando de vários assuntos do dia a dia: trabalho, beleza, propagandas, compartilhamento de experiências em grupo entre outros. Com a movimentação diária paralisada, as pessoas tiveram tempo para olhar pra si e para o outro, e perceberam que se a fala e o discurso de alguém interessava, logo o seu também poderia interessar. E, assim, davam dicas, ensinavam a maquiagem, passavam receitas de comida, vendiam roupas e máscaras. As redes sociais transformaram-se em vitrines para o mundo real. Já nas primeiras lives, com a dianteira assumida pelas mulheres, quando a temática da beleza e dos cuidados pessoais emergiu com força por conta do tempo que as pessoas passaram a ter dentro de casa e do olhar constante para o espelho, em alguns pontos das falas, começaram a figurar as palavras kórentena



e kurva epidemiológica. Quando o ritmo da pandemia acelerou, o nome coronavírus e a novidade do termo live passaram a ser constantes no repertório da comunidade.

Pra todo evento e tipo de temática, havia uma live: encontros, conversa entre amigos e amigas, reuniões de trabalho, tudo por intermédio de lives. As lives constituíram, assim, espaço democrático e diversificado para uma variedade de eventos virtuais. Muitas mulheres encontraram nelas a oportunidade de discutir temas ligados à profissão, à maternidade, ao papel da mulher na sociedade. Tornaram-se comuns lives de jornalistas, donas de casa, professoras, políticas, médicas e grupos de amigas, num exemplo de sororidade, abordando questões da nova realidade: tanta gente em casa e a mulher ainda encarregada da (e sobrecarregada com a) lida doméstica da alimentação à limpeza; a mulher emancipada convidando seus maridos, companheiros e também outras mulheres a reverem seus papéis na modernidade. Nesse primeiro período, o intenso fluxo de lives cumpriu papel de catalisador e difusor de discursos daquela realidade desconectada do mundo real, mas intensa no virtual. As lives foram, a um só tempo, expoentes e interpretantes da sociedade.

Cronistas modernos de São Vicente agiram e reagiram proativamente nos tempos da pandemia, mostrando o que sabiam fazer de melhor em frente às câmeras dos celulares para lembrarem, em meio ao caos, o quanto a vida nas ilhas era boa como nos dias quentes²⁹ e *sábi* da Laginha, fazendo reverberar na alma de todos a triste e redimensionada verdade daqueles dias de dificuldades: “saúde e liberdade têm mais valor quando acabam”.³⁰ Nesse sentido, mesmo correndo risco, falantes colocaram suas faces em exposição e ficaram vulneráveis às críticas de todos os cantos, recebendo avaliação social positiva ou negativa da comunidade ao ficarem “ta faze vídeo” enquanto a ameaça da praga, da fome, da morte e da guerra biológica rondava o mundo. Aceitaram o desafio, e conseguiram manter-se ativos e atuantes durante os tempos do soturno advento. Nas lives de música da tabela 6, entre outros, esse aspecto também fica evidenciado.

No ambiente das lives de música, mulheres e homens de São Vicente, quase que na mesma proporção, cantaram velhas e novas canções, compuseram e interpretaram músicas solo, em parcerias (feat) e em grupos, promoveram djunta-mon social e musical para manterem viva a esperança e a solidariedade para com os mais necessitados, para manterem os integrantes de suas bandas e respectivas rendas. Na ilha capital cultural de Cabo Verde, ficou evidenciado que a pandemia motivou o comportamento, na fala e na produção musical. Além de cantores e cantoras influentes no cenário internacional, grupos de artistas uniram-se no djunta mon musical nas redes sociais para alertar a

²⁹ Tradução: bons

³⁰ GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1956.



população sobre os riscos do Covid-19 e a importância das medidas de segurança. Quando as paródias cessaram e os encontros barulhentos e efusivos dos jogadores de uril (ouri/ouril), jogo típico das praças cabo-verdianas, ficaram silenciados, o djunta mon cultural ganhou vez e voz e circulou pelas ilhas e pelo mundo.

Tabela 6. Lives de Música de São Vicente

Gênero, idade, status social	Mês, local, tema, suporte, link e trechos
(1) Homens e mulheres, Entre 20 e 60 Anos, Famosos/famosas Tito Paris	Abril. São Vicente <i>Júnior. Música com vários cantores e músicos.</i> Estilo: Morna. Instagram. https://www.instagram.com/p/B_1QIXMjv89/ Deus mandá d'séu Xeí d'goxtu Mi é dod na bzot No fká na kaza Pa no podê brasá
(2) Homem, 30 anos (+ ou -), Famoso. Batchart	Maior. São Vicente <i>Diversas músicas do cantor Batchart.</i> Estilo: Hip Hop. (Festival djuntamon (campanha). Divulgação de músicas ao vivo) Instagram. https://www.instagram.com/p/CAjIYJypspa/ Kada pssoa pô sê mon Temp difisil Djuntá mon
(4) Homens e mulheres, Entre 20 e 60 anos (+ ou -), Famosos e não-famosos (Projeto Roda de Coladeira) Djamilo Spencer Gomes	Junho. Luxemburgo <i>Covid-19. Nô tá protege nos velhu</i> (versão We are the world em crioulo) Facebook. https://www.facebook.com/djamilogomes/videos/2044298999035957/ No fka na kaza Nô protegê Nen corona nen ten poder pa afasta-m des, Nos tudu, Union fax a fôrsa

Fonte: elaborado pelos autores

Nesse período, o foco dos textos das lives de música estava no fechamento das fronteiras e cancelamento de voos³¹ entre as ilhas e os continentes, bem como na defesa à proteção dos idosos, que, seguindo informações médicas dos primeiros tempos de pandemia, era o potencial grupo de risco para o ataque do coronavírus. Tempos depois, foram desaparecendo as barreiras intergrupais e ficaram todos na zona de risco, na mira do vírus. Não havia mais exceção. Evocando os adágios “a vida é frágil” e “viver é perigoso”, a sentença valia para os habitantes do Arquipélago e de todas as partes do globo. Esse momento despertou em todos, indivíduo e coletividade, a reflexão de John Donne, ³²que vaticinava: “não perguntai: por quem os sinos dobram; eles dobram por vós”

³¹ CABO VERDE AIRLINES. *Corona vírus: suspensão de voos*. 17 de mar. 2020.
<https://caboverdeairlines.com/pt/covid19-suspensaovoos/> Acesso em 06/10/2022.

³² DONNE, John. *Meditações*. [trad. Fabio Cyrino]. Edição bilingue, São Paulo: Editora Landamark, 2007.



Os artistas, donos de sentidos aguçados e sensíveis e fazendo jus ao talento e espírito de solidariedade, recorreram a novas letras e até a adaptações de músicas conhecidas, como a legendária *We are the world* que recebeu o título *No ta protegê nos velho*. Ela foi produzida no período em que tudo o que se sabia era que o vírus atacava mais fortemente o grupo de idosos. Uma letra renovada, um texto atualizado para aqueles dias difíceis. A letra de música, como gênero textual, cumpriu a função de divulgar as medidas de segurança. A alma insular e criativa do artista cabo-verdiano, sintonizada com as coisas do mundo, não se deixou aprisionar tampouco esmorecer e, da dor, extraiu forças para cantar o amor ao próximo. Assim, tornaram-se comuns, nas lives de música, campanhas que traziam mensagens faladas e escritas de “união, amizade, amor e respeito” com legendas que conclamavam a generosidade e participação de todos, como “a união faz a força”.

Com horários agendados ou não, essas lives eram verdadeiros exercícios de reflexão sobre o cotidiano da pandemia. Em São Vicente, tal qual nas demais ilhas, a motivação para essas produções linguísticas híbridas entre fala e música foram sempre o medo, a ansiedade e a dor, mas também a consciência para alertar e o compromisso para unir a comunidade. Assim, lives de música coletivas tornaram-se a sensação na Ilha do Monte Cara. Mais uma vez, com a colaboração e projeção de cabo-verdianos na diáspora, vigorou um repertório lexical repleto de temas que se tornaram lemas na pandemia: (1) *no fka na kaza... pa no podê brasá*, (2) *Temp difícil... djuntá mon*; (3) *no protege nos velhu.... nem corona tem poder pa afasta-m des*.³³ Dessa forma, uma linha diacrônica foi sendo traçada nas músicas que despontaram nas lives dos tempos da pandemia.

Ilha de Santo Antão – A Ilha de Santo Antão está à noroeste do arquipélago. Sua capital é Porto Novo. Essa ilha vizinha de São Vicente pode ser avistada da cidade do Mindelo, cidade com a qual mantém um vínculo comercial intenso no turismo e na comercialização de bens. A ilha tem 39.000 habitantes divididos em 3 concelhos: Concelho do Paúl, da Ribeira Grande e do Porto Novo, sendo o último a capital da ilha. A principal atividade econômica da Ilha é o turismo rural. A produção cultural concentra-se na música e no teatro. A ilha também ficou em isolamento devido à pandemia, e o primeiro caso de covid-19 só foi confirmado em setembro de 2020.

A Ilha de Santo Antão, famosa por sua produção teatral, no primeiro momento da pandemia, não teve registro de produção de lives, provavelmente, pelos mesmos motivos elencados para a ilha do Fogo. Os insulares dessa ilha observavam, atônitos, a pandemia se aproximando como expectadores incrédulos do que ouviam na mídia e nas redes sociais e acabaram por ver com seus

³³ Tradução: (1) Vamos ficar em casa... para podermos abraçar, (2) Tempo difícil...juntar as mãos (3) vamos proteger os nossos velhos... nem a corona tem o poder de me afastar deles.



próprios olhos: o comércio fechado, a circulação de pessoas nas ruas proibida, as viagens de barcos, balsas e *ferryboats* de transporte de turistas no eixo Mindelo-Porto Novo canceladas, os tradicionais mercados e feiras de peixe frescos e secos – atum, moreia, garoupa e uma infinidade mais – serem desmobilizadas e as vendedoras de peixe e banana de porta em porta silenciarem seus alaridos.

Quando a pandemia aportou na ilha pelas redes midiáticas da televisão, do rádio e da internet e pelo registro dos primeiros casos, as campanhas estatais de informação ganharam força no combate ao vírus, para atenuar o medo da contaminação e da morte, para afastar a ociosidade e o aumento dos males do corpo e da alma. Isso levou as pessoas a voltarem o olhar para o outro, anônimo ou famoso, procurando na vida do próximo ou na sua própria alguma inspiração ou direção. A incerteza do futuro atualizou a definição clássica de saudade para falta do contato físico com quem estava muito perto: do outro lado da porta, da rua, da esquina, da ilha. Não era permitido sequer um abraço. A insegurança gerou uma sociedade em trânsito entre antigos fazeres, novas tecnologias e novas ou renovadas formas de interação vindas no vácuo da pandemia: abraços de braços cruzados sobre o peito, correspondência diária por mensagens, áudios, vídeos, lives. Muitos desses eram atitudes e hábitos que não preexistiam ao Covid-19 e passaram a vigorar nas ilhas.

Na sequência, veremos as lives de fala registradas para a ilha de Santo Antão:

Tabela 7. Lives de Fala de Santo Antão

Gênero, idade, status social	Mês, local, tema, suporte, link e trechos
(1) Homem, 60 anos (+ ou -) Famoso	Junho. Porto Novo <i>Alerta e divulgação das medidas de proteção contra COVID-19</i> Facebook. https://www.facebook.com/jorge.martins.161446/videos/3161194500606988/ Juíz ness kók d'kebésa Milharex de psoax konfinadax Mrrê ne praia Uzá maxkra! Se ge'n tmá kuidód Se ge'n tmá ex rekomendasõex ke'x te fazê gent Dixtasiament sosial de um metr i mei Fzê tud higienizasãu
(2) Homem 60 anos (+ ou -) Famoso. Jorge Martins	Julho. Porto Novo Teatro. <i>Divulgação das medidas de proteção contra COVID-19</i> https://www.facebook.com/jorge.martins.161446/videos/3209212239138547/ Si bo te sei pa rua pe bo bé katá duensa kêm ben vê, ben krê Sob sei lá na rua pe bo'n uzá maxkra Pe bo'n tmá kuidód pe mentê dixtasiament Levem mon... fzê toda igien pusível Bo te pensá kbo ê joven, ke nada te pegá no bo
(3) Homem e mulher, 25 e 30, respectivamente. Não-famosos	3.Agosto. Paúl Culinária. Restaurante. Propaganda Facebook. https://www.facebook.com/hetty.fortes/videos/10157255552751643/ Bzôt somá , matansa de txúk Nôj kabverdián no te goxtá de txúk, ehm!



Fonte: elaborado pelos autores

Os homens foram os maiores agentes da produção de lives de fala registradas nessa ilha. Podem ter havido algumas lives feitas por mulheres, mas delas não temos registros e sequer notícias. De expectadores, assim que a quarentena foi decretada nas ilhas, artistas e moradores de Santo Antão passaram a protagonistas das lives, transformando-se em cronistas locais de uma realidade que nem de longe poderia ter sido imaginada por cabo-verdianos no Arquipélago e na diáspora. As lives de fala de Santo Antão, em sua maioria, têm caráter informativo e surgiram da necessidade estatal ou da vontade individual de um artista ou de um grupo de alertar a população sobre os riscos da pandemia. Todas as lives dessa ilha que constam do nosso corpus surgiram depois de maio e foram produzidas dentro da ilha. Todas apelam para o bom senso da população para ficar em casa e se proteger contra epidemia com as medidas de higiene, diante das dificuldades que as autoridades sanitárias teriam para enfrentar e controlar alguma onda descontrolada da doença nas ilhas.

Na ilha de Santo Antão, assim como nas demais ilhas, ainda que as lives de fala não fossem todas voltadas para questões instauradas pela pandemia, a maioria dos assuntos se voltavam a ela ainda que indiretamente, como nos casos de doentes por outros males que precisavam ser evacuados das ilhas com urgência, porque o transporte marítimo entre essa e as demais ilhas ficou extremamente prejudicado pelas restrições das autoridades sanitárias. Bastava observar o sumiço da palavra *séb*³⁴ nas falas das pessoas e a presença constante da terminologia que veio com a pandemia pelas mídias e redes sociais. Naquele momento de tensão emocional e pressão social, as lives traziam histórias e opiniões narradas, descritas, dissertadas como crônicas da vida cotidiana feitas por pessoas comuns, em um enredo de tramas e discussões que, por vezes, continuavam nos chats dias a fio.

Nas lives de fala de Santo Antão, destacamos a presença de comediantes famosos, como Giróld e Nho Lólita, que produziram peças para conscientizar a população sobre os cuidados contra “a praga”. Nessas encenações, termos do contexto pandêmico passaram a circular muito rapidamente. Forçados a fecharem as portas, os comerciantes encontraram na internet um meio de manterem seus negócios e seus empregados para não gerarem onda de fome nas ilhas. Muitas lives de propagandas de restaurantes aconteceram no período. As lives funcionavam como distração, alternativa ao recolhimento e como meio de subsistência, a confluência do abstrato e do concreto na engrenagem da vida movida pela pandemia. Como os falantes viam nas redes e nas outras ilhas, os vocábulos e expressões sob formas de chamamentos e aconselhamentos foram os mais diretos possível: (1) *juiz*

³⁴ Tradução: bom.



*ness kók d'kebésa... milharex de psoax konfinadax... usá maxkra! Dxtansiament sosial de um metr i mei; (2) s'bo te sei pa rua pe bo bé katá duénsa... levem mon... fzê toda igien pusível.*³⁵

No ambiente das lives de fala para o de música da Ilha de Santo Antão, foram observadas retomadas de sucessos antigos. Nos registros, cantores e cantoras aparecem em palcos de bares ou restaurantes na missão de sua artística lida. O diferencial estava apenas no detalhe da máscara, porque como as lives começaram em julho, quando as ilhas haviam passado por diferentes fases de orientação de isolamento e transcorrido algum tempo do estabelecimento do novo cenário, a comunidade já estava acostumada com a prescrição e obrigatoriedade do uso de máscaras na filmagem. Por essa época, a aplicação de vacinas também já estava ocorrendo nas ilhas. Ocorreram grande número de lives híbridas, geralmente de propaganda de algum estabelecimento comercial, com grupos interpretando músicas bem conhecidas ao fundo.

Abaixo, a tabela de lives de música da Ilha de Santo Antão:

Tabela 8. Lives de Música de Santo Antão

Gênero, idade, status social	Mês, local, tema, suporte, link e trechos
(1) Homens (2), 30 anos (+ ou -), 1 famoso, 1 não-famoso	Julho. Porto Novo Estilo Tradicional. Facebook. (.....) N béi, A-M ben, N ben, A-M béi. Levantá kabesa bo abandoná frakéza Nhê dxtine ne de ningén
(2) Homem, 25 (+ ou -), Não-famosos	2. Agosto. Paúl, Estilo Tradicional. Facebook. (.....) Sintonton é próp séb Ess sodad já ke te mata
(3) Homens (4), 25 a 30 (+ ou -), Não-famosos	Ólí, bikuda Ólí, gôropa Ólí, morea Oli, leitäu! Kavala frexk, 4 pa sên

Fonte: elaborado pelos autores

Cantores de Santo Antão, cientes de que era preciso continuar a façanha da vida, preferiram focar no incentivo às atitudes corajosas, à contemplação e engrandecimento das belezas da terra natal, no destaque à saudade das pessoas e dos frutos do Atlântico que fazem a riqueza da cultura e da culinária daquela parte calma do arquipélago: (1) *levantá kabésa bo abandoná frakéza... nhe dxtine*

³⁵ Tradução: (1) Juízo nessa cabeça... milhares de pessoas confinadas... usa máscara! Distanciamento social de um metro e meio; (2) se você sair para a rua para ir catar doenças... lava-me essas mãos... faz toda a higiene possível.



*ne d'ningém; (2) sintanton e prop séb... ess sodad já ke te mata; (3) oli bicuda, oli moreia, oli garopa.*³⁶ No final do período em cotejo, março a agosto de 2020, em Santo Antão e demais ilhas focalizadas aconteceu o inesperado no ciberespaço: a proibição das lives de música na internet com alegados motivos sociais que, no fundo, tinham motivações comerciais.³⁷ Isso pegou a todos de surpresa e abriu uma cratera imensurável no terreno que a democracia das redes havia gerado para a liberdade de expressão e aproximação das gentes dos continentes, famosos e anônimos, através da fala e da música, em prol da informação, da união e da solidariedade numa era em que as palavras humanidade e calamidade pareceram sinônimas. Tempos depois, todavia, o Facebook e outras plataformas digitais liberaram curtos trechos de lives de música. As lives de fala continuaram a ocorrer normalmente. Nessa altura, com o coronavírus à solta, a possibilidade de fortalecimento ou arrefecimento dessa nova prática textual digital era ainda uma incógnita nas ilhas.

Considerações Finais – dinamicidade e efemeridade de um gênero

Ao final deste artigo, gostaríamos de destacar a relevância deste trabalho para os estudos externalistas da linguagem e para a área dos modernos estudos crioulos e africanos em geral, uma vez que esse estudo das lives de fala e lives de música de Cabo Verde é o primeiro do gênero envolvendo uma língua crioula e, certamente, será o único no período estudado, posto que a necessidade para o surgimento e eclosão das lives e para a caracterização do seu funcionamento como crônicas modernas dos tempos da pandemia desapareceu com o desaparecimento do Covid-19.

Isso posto, retomaremos as perguntas norteadoras colocadas na introdução: o que são lives? Qual sua tipologia ou configuração no mundo virtual? Quem são seus autores e autoras? O que pensa, o que diz, como diz, como age e reage, na fala e no canto, o falante-ouvinte-real do Cabo-verdiano no período inicial da pandemia, a quarentena? Quais são os temas recorrentes nas lives de fala e de música de pessoas e/ou grupos das diferentes ilhas? Em que língua as lives são realizadas? Quais novidades, semelhanças ou diferenças, são sinalizadas linguisticamente, de norte e sul de Cabo Verde, por meio dessas lives? As respostas estarão interrelacionadas, nos parágrafos subsequentes.

Em Cabo Verde, as lives, e-gêneros de áudio e vídeo de transmissão ao vivo na internet, tornaram-se porta-vozes das inquietações e temores de uma época, crônicas de um mundo fragmentado, compondo leque de contares e cantares de histórias, opiniões e discussões que surgiram

³⁶ Tradução: (1) levanta a cabeça e abandona a fraqueza...o meu destino não é de ninguém; (2) Santo Antão é muito bom... a saudade já não está a matar; (3) aqui tem Bicuda, Moreia e Garoupa.

³⁷ SILVA, R. *O fim das lives no Facebook explicado*. Revista UBC (União Brasileira de Compositores). Notícias, São Paulo, 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/16803/o-fim-das-lives-no-facebook-explicado>. Acesso em: 06/10/22.



na frágil e volátil modernidade das ilhas de Cabo Verde. Elas atuaram como expoentes e suportes de temas variados condicionados pelo forte impacto da pandemia que condenou as pessoas ao isolamento, as ruas ao abandono, os postos de trabalho ao silêncio e as praias à solidão, no solar arquipélago atlântico. Durante a efervescência das lives, o contato direto com um público diversificado de vários lugares do mundo trouxe visibilidade imediata e constituiu chamariz irresistível para anônimos e celebridades que realizaram lives que narraram, descreveram, dissertaram, poetizaram, reportaram e mesmo filosofaram sobre o cotidiano pandêmico.

As lives, dinâmicas e versáteis como todo gênero textual e voláteis como os e-gêneros, funcionaram como crônicas modernas que assumiram a configuração híbrida dos novos tempos, enquadrando-se nas tipologias narrativa, descritiva, dissertativa, humorística, lírica, poética, jornalística, histórica, filosófica, crônica-ensaio, realizando-se por meio de monólogos, conversas, diálogos entre amigos, questionamentos filosóficos, propagandas, discussões em grupos, produção de conhecimento online em cursos e aulas, conversas sobre acasos e casos do cotidiano, situações constrangedoras e opiniões controversas, polêmicas, mas também poéticas sobre a vida.

Amadores e profissionais, famosos e anônimos, todos que se dispuseram a fazer lives puderam protagonizar, assistir e compartilhar com milhões de internautas ao redor do mundo cenas de um filme inesperado chamado pandemia. Quando tudo era novidade, e o medo e a descoberta andavam de mãos dadas pelas avenidas virtuais, falantes e cantantes tornaram-se autores e autoras de lives de fala e lives de música de Cabo Verde. Entrementes, foram os emigrantes que tiveram o distanciamento necessário para se expressar com a assertividade que o momento exigia. Estando longe da terra natal, da ascendência familiar e do poder estatal, conseguiram focar em aspectos do cotidiano que muitos não notavam ou não tinham distância nem coragem suficientes para revelar.

Num misto de emergência de interação e de adaptação aos novos tempos, as lives eclodiram no cenário atendendo ao chamado primitivo e moderno do ser social que há em todos nós, humanos. Com a ajuda das redes sociais, ninguém ficou inteiramente sozinho na montanha-russa da pandemia. No transcorrer da quarentena, as lives deram a protagonistas e expectadores a sensação de participação, de interação, de companhia. A grande adesão às lives de fala e de música nessas ilhas confirma que momentos de grandes desafios fazem o mundo paralisar, mas depois girar; fazem a língua gerar e também adotar e adaptar novas terminologias; fazem a cultura retrair, mas também expandir e assimilar novos saberes, fazeres e tecnologias. E, no caso específico das lives, fazem os gêneros circular, e, a um só tempo, modificando e sendo modificados pelas interações cotidianas.

Homens e mulheres, jovens e adultos, ganharam o espaço virtual para expressarem reações, defenderem opiniões, realizarem antigas ou novas ações através da linguagem eclética das lives no



ambiente democrático e multimodal das redes sociais. O modo de pensar das gentes das ilhas e muito da sua identidade solidária e proativa foram explicitados em um leque de temáticas variadas, por vezes convergentes, por vezes conflitantes: medo, coragem, esperança, amor, alegria, expectativas, raiva, revolta, violência, denúncia, abuso, vícios, morte, valores morais e religiosos, fé, descrença, racismo, tabus, dores, alegrias, empoderamento, beleza, música, cuidados pessoais, medicina, esportes, nutrição, política, artes, educação, estilo de vida, entre tantos outros.

Como intérpretes da vida cotidiana, os cronistas da era moderna e conectada de Cabo Verde deram visão panorâmica dos cenários e discursos que circulavam na sociedade. As lives de fala e de música apresentaram marcas indelévels de seu tempo, de seu espaço e das relações travadas no contexto social. Permeadas pela realidade, trazem um vocabulário aplicado ao novo cenário mundial, como *pandimia*, *kuarenténa*, *distansiamentu/dxtansiament sosial*, *máskra/máxkra di protesäu*, *mididas di igien*, *juntando-as àquelas tradicionais e inerentes ao contexto*, como *medu/med*, *gána*, *infetadu/infetód*, *kontatu/kontat*, *tristéza* entre outras. Todas incorporadas ao repertório do Crioulo Cabo-Verdiano com a força e a cadência do passar dos dias. A nuvem de palavras abaixo destaca, em gradação de tamanhos, as palavras com maior recorrência nas ilhas:

Figura 2. Nuvem de palavras – lives de fala e lives de música de Cabo Verde



Fonte: elaborado pelos autores



Todas as lives produzidas por falantes cabo-verdianos de norte a sul do País, de fora e de dentro das ilhas, foram faladas e cantadas em crioulo. Todos quanto puderam fazer lives mantiveram a característica da variedade linguística crioula de suas ilhas, difundindo ideias e valores com sotaques e cores locais. Cada comunidade aplicou a essas palavras a marcação gramatical fonético-fonológica e morfossintática característica do cenário sócio-histórico antigo e sociolinguístico atual. Nesse aspecto, a diversidade foi assegurada, porque a Língua Cabo-Verdiana assimilou as novidades como um todo, não havendo variação lexical específica entre as ilhas. E as lives ajudaram a consolidar as novas entradas lexicais no crioulo falado e cantado durante a pandemia.

Apesar do impacto inicial, o período de efervescência das lives em Cabo Verde foi curto. Com a volta às ruas, as lives deixaram de ser os arautos de um novo tempo. O velho mundo, aliás, voltou a bater à porta com força. Assim, no transcurso de dois anos, com o fim da pandemia ainda não decretado, a terminologia ficou gasta, as pessoas cansaram-se da novidade e a produção exhibe sinais de cansaço. Esse, então, é o retrato da dinamicidade e efemeridade de um gênero. Em seus dinâmicos habitats sociais, mudando a sociedade e eventos geradores, mudam também os gêneros como trânsitos e transições textuais que representam. Eles dão a prova de que a língua é um fato social, e, como tudo que é social, resulta da interação humana e seus movimentos em sociedade.

Os dados deste estudo indicam que, embora em competição com os vídeos, o gênero digital live foi o eleito da quarentena de Covid-19 em Cabo Verde, no ano de 2020. Mais do que um gênero, ele se comportou como verdadeiro ícone de um novo tempo digital e de uma nova era interacional. E, ainda que efêmero, como nos indica o seu arrefecimento em 2022, esse e-gênero ficará como um legado multifacetado do assustador, mas também transformador advento da pandemia, quando novos e velhos internautas singraram os mares do isolamento rumo ao canto de uma sereia maior chamada Vida. A língua e a música testemunharam o fato e nós, expectadores e estudiosos dos usos reais da linguagem em sociedade, registramos uma fração dele nas ilhas.

Referências bibliográficas

- ANÓNIMO, Piloto. 1784 (edição 1985). “Notícia coreográfica e cronológica de Cabo Verde” In: CARREIRA, António (apresentação, notas e comentários) *Demografia caboverdeana; subsídios para seu estudo*. Instituto Caboverdeano do Livro. Lisboa.
- BRAZ DIAS, J.; SANTOS, C. E. S.; RODRIGUES, U. R. S. “Crônicas do Cotidiano da pandemia”. Mesa Redonda. In: *IIº Colóquio em Ciências Sociais e disrupções globais: desafios, reposicionamentos e possibilidades de novas respostas* <https://unicv.edu.cv/pt/csdg/grupo-de-trabalho-e-mesa-redonda>. Acesso em 27/08/22.



- CABO VERDE AIRLINES. *Corona vírus: suspensão de voos*. 17 de mar. 2020. In: <https://caboverdeairlines.com/pt/covid19-suspensaovoos/> Acesso em 06/10/22.
- CARREIRA, António. 1995. *Demografia Caboverdeana; Subsídios para seu estudo (1807/1983)*. Instituto Caboverdeano do Livro. 1ª. Edição.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 2 edição.
- DONNE, John. *Meditações* (trad. Fabio Cyrino). Edição bilíngue. São Paulo: Editora Landamark, 2007.
- FÁVERO, L. L.; MOLINA, Márcia A. G. “A crônica: uma leitura textual-discursiva”. IN: NASCIMENTO, Edna M. F. S.; MOMESSO, M. R. O; LOUZADA, Maria S. O. (Orgs). *Processos enunciativos em diferentes linguagens*. SP: Unifran, (Coleção Mestrado em Lingüística), 2006, p.74
- FERREIRA, S. C. S. *A crônica: problemáticas em torno de um gênero*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Lingüística, 2005
- GUIMARÃES ROSA, J. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1956
- KOCH, Ingedore V. & ELIAS, Vanda M. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. “Os gêneros textuais e seus dinâmicos *habitats* sociais”. In: DIONÍSIO, A. P. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. P. 24.
- MARCUSCHI, L. A. & XAVIER A. C. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- NOTÍCIAS DO NORTE. *Baía do Porto Grande entre as sete mais belas do mundo*. Disponível em: <https://noticiasdonorte.publ.cv/18176/baia-do-porto-grande-sete-belas-mundo/> Acesso em 06/10/22.
- REVISTA UBC (União Brasileira de Compositores). *O fim das lives no facebook explicado*. 22 de out. 2020. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/16803/o-fim-das-lives-no-facebook-explicado> Acesso em: 06/10/22.
- RODRIGUES, U. R. S. Apêndices IV. In: *Fonologia do Caboverdiano; das variedades insulares à unidade nacional*. Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Brasília, 2007, pp. 139-148.
- RODRIGUES, U.R.S.; DIAS, J. B.; RODRIGUES, A. G.; CASTRO, M. M. L.; MONTEIRO, C.; GIL, B.J. R. “Cabo Verde lives: variação na língua crioula e na linguagem musical em tempos de pandemia”. Comunicação. XXIII Pré-Congresso de Humanidades. Universidade de Brasília. 2020.
- RODRIGUES, U. R. S. “Reencontro com o Texto: reflexões emergentes da prática da reescrita na Universidade de Brasília”. In: DIAS, J. F. *Comunidades de escrita autoral: abraçando a mudança*. Pontes Editores, 2024 (no prelo).
- SILVA, R. *O fim das lives no Facebook explicado*. Revista UBC (União Brasileira de Compositores). Notícias, São Paulo, 22 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/16803/o-fim-das-lives-no-facebook-explicado> Acesso em: 06/10/22.
- VIEIRA, N. Praia Maria. In: <https://www.youtube.com/watch?v=djOmrLnD0Do> Acesso em 02/05/2024

